

## NOTICIA

**Dos primeiros galopins eleitoraes em Portugal**

## III

Rodearam annos vexatorios para os monges do Minho.

Os geraes e mais prelados do sul venciam sempre as eleições, excluindo da governança os filhos de Arrifana e Braga.

No triennio de 1771, rebentou a repreza do velho odio.

N'aquelle tempo o galopin immerito da ordem era um frade bracharense chamado fr. João de Guadelupe procurador geral da Congregação.

Com este monge disvelava-se a fama preconizando-o orador primaz da ordem egualmente no pulpito que nas assembleas eleitoraes.

Os descontentes estribavam esperanças de ganhar a eleição dos seus prelados minhotos na eloquencia de fr. João. Accedendo o generoso orador, aos rogos, acceitou a commandancia dos galopins logrados por outros mais ladinos nos suffragios anteriores.

Chegado o dia 2 de Maio, e congregado o consistorio, fr. João de Guadelupe levantou-se na sessão dos venerandos patres capitulares, e tirou do peito, impando de sancta colera, umas vozes que reboavam nas abobedas do capitulo e claustros.

« Não sei—exordiou o monge—não sei, padres gravissimos, se a minha lingua terá aquella efficacia, bastante a expor a infelicidade a que está reduzida a nossa republica! Não sei se as minhas vozes, até agora mudas á violencia do sentimento, se farão sensiveis á vossa deliberação. Não sei se as minhas palavras poderão persuadir a generosidade do vosso animo á nossa e vossa liberdade. A mais viva eloquencia é a que se concilia com a attenção. Pouco importa que se purifique a lingua, que reumbem as vozes, e que seja uma sentença cada palavra, se indispostos os animos desattenderem as expressões... E' necessario, senhores, que vos dispaes de vós mesmos e de qualquer particular interesse: só assim me ouvireis desapaixonados »

Entra o orador historiando a origem da ordem benedictina: a sua importância no mundo; o seu esplendor nas Espanhas; os seus meritos em Portugal; a rigida observancia de sua regra no Minho.

Invectiva acriminosamente os mosteiros da extremadura e Beira os quaes se deixaram assaltear de fidalgos ambiciosos que os converteram em padroados, commendas e palacios. Exclamava-o frade, ao proposito: « E foram tão remissos e descuidados os monges que deixaram levar ás mãos lavadas um patrimonio que houveram de defender a ferro e fogo! Não fizeram assim os nossos pa-

trios e amigos e parentes. Armaram-se de valor e espirito; e, sem que os aterraessem espadas de regulos, nem roncarias de grandes, conservaram e defenderam a maior parte dos seus mosteiros. E ficamos vencedores! Em Portugal só ficou de pé o que era nosso. »

Prosegue malsinando a covardia dos frades da Beira que se deixaram desbalisar, até á extremidade de se tornar aquella espaciosa e rica provincia um safaro deserto, ao passo que a do Minho exuberava de riqueza e braços. Depois, inclinando ao intento, que era propulsar dos conventos do norte as prelasias de forasteiros, bradou:

« Pois senhores, tudo isto que vemos está hoje em poder de estranhos! Aquelles mesmos que, na sua terra, deixaram perder o que era seu, estão na nossa patria governando o que é nosso. Succede-nos o que choraram os Romanos quando os Gracchos se introduziram em Roma, Admittiram ao senado aquellos estrangeiros; e, havendo elles perdido os seus dominios, queriam ja ser senhores do imperio, que tanto sangue tinha custado aos filhos de Romulo. A tempo emendaram este erro os padres conscriptos, expulsando do governo uns homens que, por forasteiros, eram os maiores inimigos da republica ».

Recamando de persuasivos argumentos a historia de Roma, ajustados á eleição do geral, a impressiva alocação, em breves linhas explica o orador a sua evangelica raiva: « Não ignoraes, padres doutissimos, que estabelecida a reforma foi sempre succedendo em patricios nossos, filhos do Minho, esta republica e o seu governo. Os primeiros geraes eram de Braga. Os segundos de Villa do Conde. Os terceiros de Basto, Guimarães e Arrifana. Os quartos outra vez de Braga. Aqui se introduziu um de Lisboa, e notai que com balla e polvora se quiz levantar com o estado. Temerosos porém do perigo da sua republica, desbaratamo'l-o. Os quintos vieram outra vez d'Arrifana; e os ultimos, até á entrada d'estes forasteiros hoje dominantes, foram todos da nossa provincia. Em quanto, pois, a benedictina se governou pelos seus legitimos herdeiros, floreciam o governo, a religião e nós e os nossos. Os noviciados tinham grammaticos, os choristados cantores, os collegios estudantes, as aulas mestres e as cadeiras barretes. Hoje mudou-se a scena; porque estrangeiros enchem os noviciados, coristados e collegios. As grammaticas com que entram são fidalguias; os cantos que se entoam são de pavão, e as letras que se estudam são as da negligencia ».

Prosegue no elogio da educação da mocidade minhota, louvando os paes que aperream os filhos. Depois, desfazendo na criação dos beirões, argumenta desta laia e « São estes uns individuos que a natureza creou por si mesmo, sem mais artificio que o da vaidade. Dança, jogo e caça foram os rudimentos da sua infancia. Liberdade e desobediencia as faixas infantis. O senhoril, a tenacidade e presumpção foram as potencias de suas almas: esta é a educação que na Beira se dá aos filhos cujos pais são pela maior parte uns homens que se presumem nascidos no ceo estrelado, e sempre para este alto inclinam os filhos. »

(1) Filho de Manoel Rebello da Costa e D. Maria Vieira da freguezia de S. Victor. Professára em 1737. Pertenceu á familia dos ascendentes D. Jeronimo, que em nossos dias morreu bispo da cese do Porto.

Agora vai fr. João ataca-os por conta dos apellidos: » Veem elles n'aquelle ceo caneros, leões, lobos, pantheras, pardos, e outros signos desta farrapagem; e to-mando d'elles a influencia, seguem a sua denominação. A' vista do que, nenhum progresso virtuoso se pode esperar de uma juventude, cuja substancia são somente fumaças. Diga-o ja o estrondoso rumor de apellidos com que na religião nos quebram a cabeça! Tão influidos estão estes meninos dos lobos, dos pardos, das pantheras e escorpões, que contemplam no seu ceo, que nem o noviciado e coristado bastam a lhes quebrar o orgulho! Tão dominados os vemos que ainda embrulhados em mantas e estamenhas querem ser leões, cameleões, silvos, pantheras e outros animaes d'este calibre! Oh Jupiter divino! e não ha um raio que fulmine estes cyclopes?! E' possivel que no sagrado da benedictina se consintam apellidos que não sejam todos de sanctidade? Ah, meu Deus! que as veneraveis invocações da vossa sanctissima mãe e dos vossos sanctos ja não bastam para os filhos de Bento! Por que uns novos forasteiros que temos agora como irmãos nossos so se satisfazem com apellidarem-se Lobos, Pardos Gamas, Falcões, Gaviões, Escorpões e outra sarandagem desta ralé! E como não depeaes todos estes passarolos e não encarceraes nas leoneiras estes bichos!..»

Assanhada apóstrophe! Todavia, escuse-se a iracundia ao frade, descontando a vaidade genealogica dos filhos do Minho, enxovalhada pelos beirões. «Dizem—explicou e monge—como eu ja por duas vezes ouvi, que nós, os do Minho, todos somos mal nascidos, de pais plebeos e mechanicos; e que esses poucos que ha illustres todos tem fama de judeus!.. Vede, senhores, que consolação esta para vós que me ouvistes!.. E ainda assim vos não resolveis? Não o posso crer, por que vos contemplo, com acôrdo, juizo e amor patrio. Porém ainda aqui não pára a corrente das nossas injurias; por que vos quero lembrar aquellas blasfemias que proferiu um dos parciaes d'estes estrangeiros depois que acabou o capitulo. Dizia elle, esgaravatando os dentes e mofando dos que eram nossos; «Ja se acabaram os jacobeos, e ja Braga e Arrifana se acabaram, por que todos estão ja bem salgados:» O' ceos! e não cahis sobre este blasfemo! Forte sardineiro que tanto sal tem para tudo salgar! Como consentis, ó ceos! que dentro das claustras de S. Bento se ouçam improperios que escandalisam o proprio diabo! Salgar a uns religiosos que tem sido exemplares do mundo! Que é isto? estamos entre catholicos ou na cafraria?...»

Vai o orador crescendo em eloquencia á proporção da raiva até destampar neste hyperbolico estoiro: «O' blasfemo! dá ca essa lingua, que a quero arrancar do intimo d'essas entranhas para entre as furias ser a pregoeira do Averno!»

Devia de estar arriçado o pélo do auditorio! Os placidos argumentos moviam medianamente o animo dos trinta e cinco vogaes: mas a troante apostrophe sacudiunos por tal maneira que, todos em pé, com os braços esculpuralmente estendidos e as cogúlas regaçadas, conclamaram:

— Vivam os filhos do Minho!

O orador entendeu que devia fechar o discurso neste culminante ponto de enthusiasmo. Os monges, ja fóra da forma, e possessos do demonio galopin, sacudião os fraldosos habitos, pateando rijo no pavimento. Fr. João de Guadelupe estava espantado de si e aquecido dos proprios lumes que lhe irradiavam dalatejante calva. Ora o discurso levava ja hora e meia de caminho para a immortalidade, que lhe principia hoje.

«Vamos, pois, padres gravissimos!—concluiu fr. João—vamos ao capitolio, e seja com a resolução de buscarmos nossa liberdade, e segurarmos nosso herança; que, para a gosarmos sem contradicção, é que de todos se implora aquelle espirito de união que houve sempre nos benedictinos, nossos tios e bons patricios. Este é todo objecto dos meus dezejões, este o remedio que todos esperam, e este o unico recurso de uma republica que depressa acabará, se a minha oração não for attendida.»

Foi. Desfilaram os frades para a casa capitular. Trinta e cinco vogaes eram os dominados pela eloquencia do procurador geral; treze os votantes que dos conventos do sul tinham concorrido a Tibaens. Venceu o S. Bento minhoto por grande maioria. Venceu fr. João com a omnipotencia da sua phrase gôrda. O geral sahiu d'entre os filhos do Minho. Salvou-se a republica benedictina!

Ali esta muito pela rama o escorso da origem dos galopins eleitoraes em Portugal.

Esta raça degenerou nos dotes da elocução; mas aperfeiçoou-se na audacia com que dispara surriadas de tolices nos palcos onde se farçanteam as ridentissimas scenas da liberdade.

Ah! que saudades eu tenho dos frades, quando os vejo justificados pelos sandeus que lhes herdaram todas as manhas, sem a minima das virtudes!

C. CASTELLO-BRANCO.

## REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS.

(Continuado do n.º 8.)

A' mesma hora, a febre de que o mancebo fora accomettido, era declarada typhoide pelos facultativos que rodeavam seu leito. O delirio e exaltação do pulso eram assustadores. Não conhecia ninguem, nem respondia senão com gemidos.

Aos pés do leito, uma senhora que representava quando muito trinta e cinco a quarenta annos, vestida de preto, os olhos postos n'um cruxifixo de marfim

dependurado á cabeceira do enfermo, e as faces banhadas de lagrimas, implorava a misericordia divina n'uma prece muda e eloquente.

Sublime amor de mãe!

D. Julia de Figueiredo contemplava o filho com a resignada agonia dos martyres assistindo ao tripudio das bestas ferozes que se aprestavam a despedaçar-lhes os membros. Formosa como a mãe de Christo junto ao Calvario, como ella illuminada pela auréola sagrada d'uma dôr infinita, a santa mulher offerece ao Senhor as suas angustias em resgate da porção mais querida da sua alma. A estrada da vida fôra-lhe semeada de abrolhos. Orphan de paes, cazada aos quinze annos sem vontade propria, achou-se de repente e ao cabo de poucos dias viuva, e com um filho no seio. Os herdeiros de seu marido, fundados no curto prazo d'esta união e no prematuro nascimento da creança que os desgostos tinham adiantado, foram levados da avidéz da riqueza até formularem em juizo queixas e actos deshonrosos para a infeliz senhora. E venceram, como vence toda a fraude quando aos accusados apenas resta a minguada defeza das suas consciencias.

Falta de protecções e de amigos, recusou-se D. Julia a um litigio que mais acirraria seus contrarios. Por uma composição amigavel aceitou o que quizeram dar-lhe, afora o seu dote que mau grado de seus inimigos estava seguro. Ficou-lhe por tanto, senão a riqueza, a independencia e a certeza do futuro de seu filho se suas ambições fossem moderadas.

Depois de ordenados os seus negocios, ferida pelas injustiças do mundo, resolveu D. Julia affastar-se d'elle, comprando uma czinha insulada ás portas da cidade. Alli passou Salvador a sua infancia, emballado nos braços maternos, e afagado como a unica alegria d'aquella alma em lucto.

Mais tarde, quando o menino cursou os estudos, D. Julia que desejava acompanhar o desenvolvimento intellectual de seu filho, achou distracção e gosto em partilhar os trabalhos do mancebo; e era de ver a santa emulação que lhe causava a feliz comprehensão de Salvador. Creado na poetica atmosphera d'aquella casinha cercada de fimoeiros e madre silva, acalentado pela opulenta mocidade de sua mãe, o coração do moço despontou rico de seiva, e de ardentes aspirações. Circunstancias especiaes se juntavam ás já espendidas, quaes eram a sua propria indole triste e meditabunda, e imaginação inquieta e tempestuosa.

Aos quinze annos, D. Julia até então absorvida no prazer de gnir a debil razão de seu filho, entendeu que d'ahi em diante lhe seria melhor recorrer a pessoa mais segura e experimentada.

Lembrou-se d'um dos amigos de seu marido, pessoa de reconhecida probidade, e que ella sabia se tinha recusado a tomar parte nas calumnias propaladas pelos seus inimigos, defendendo-a sempre.

Escreveu-lhe pois uma longa carta á conta de Salvador, apresentando-o por fim, e pedindo para o orphão os conselhos e o amparo moral de que carecia.

Este amigo era Anselmo da Costa.

Foi assim que Salvador conheceu Regina, já com os seus oito annos feitos, tornando-se o seu companheiro inseparavel nas horas de recreio dos dias santificados, em que elle corria a Valbom, quando sabia que para lá estavam os seus protectores; e que mais tarde, dentre os nevoeiros de sua joven e exaltada fantazia começou a surgir a perigrina visão, que lhe deleitava as longas vigílias.

D. Julia foi a confidente dos primeiros devaneios amorosos de seu filho. As consequencias d'esta confissão, deram margem a que a boa senhora pensasse no futuro. De feito, se os seus rendimentos chegavam de sobra para o que lhe era necessario e para as limitadas exigencias de Salvador, parecia-lhe contudo que não era isto bastante para que seu filho, casado e com familia, pudesse abster-se do trabalho; nem era tambem o sufficiente para que elle pudesse appresentar-se como pretendente ás filhas de Anselmo da Costa a quem era de suppor não faltariam casamentos de grande porte.

Urgia por tanto que se procurasse um modo de vida ao mancebo. Mas qual? Sugeitar-se-hia elle? Aquella organização soberba e afidalgada, afeita a voar sem peias, poderia constranger-se até descer aos calculos materiaes do negocio? As bellas lettras para que tinha uma decidida vocação, de pouco lhe podiam servir n'essa epoca. Na verdade, D. Julia cançava-se em vão, sem descobrir coisa que lhe agradasse. Instada por Anselmo da Costa, que tambem lhe fazia ver a necessidade da escolha, deliberou-se um dia a tocar n'este particular a Salvador lembrando-lhe doutorar-se, se bem que elle por muitas vezes lhe dissera que se conhecia sem aptidão para o trabalho, nem paciencia para forçar o espirito a combinações ou a estudos prefixos.

—Que vou eu fazer a Coimbra, minha boa mãe?— Ponderava elle ás reflexões da senhora.—Creia que vou perder tempo e cabedaes: eu não sirvo para nada. Longe d'esta casinha, e sem o amparo dos seus braços, poderei eu viver?

A idea da separação atterrou a pobre mãe. Contudo venceu a difficuldade e a repugnancia que lhe inspirava o mundo, offerecendo-se para o acompanhar.

Replicou todavia o moço com taes, e tão futeis razões, que a pundonorosa senhora entreviu uma razão occulta e desfavoravel, n'esta presistente negativa. De facto, Salvador a quem ella mesma, em horas de desafogo, contava as clamidades sobrevindas pelo seu nascimento, por uma briosa altivez de character receiava ter um dia de recorrer ao seu braço em desafronta da memoria de seu pai e de sua virtuosa mãe.

Era este o motivo por que o viam fugir de relações, e apenas frequentar a casa de Anselmo da Costa.

Assim foi correndo o tempo, sem mais se cuidar no porvir. Salvador julgava-se rico. Com o que sua mãe lhe dizia possuir, poderia elle viver á farta e contente com a sua Regina. O caso estava em que ella o amasse, acceitando-o por esposo. Lacerava-o a duvida. A's vezes

supplicava á mãe, que fallasse com Anselmo da Costa, pedindo para elle a mão de sua filha. A inexperiente senhora, dizia-lhe que se aquietasse, lembrando-se que a menina ainda estava longe da idade propria para o casamento. Impunha-lhe o preceito da razão, fazendo-lhe ver que era preciso ter juizo para merecer a mão de Regina. Do que ella não podia duvidar era da annuencia de Anselmo a esta proposta.

Quem como elle conhecia a bella alma de Salvador? Anselmo da Costa, o pai extremo, que melhor garantia podia querer para a felicidade de sua filha? Salvador era um anjo! Não o havia melhor. Nem mais bom; nem mais carinhoso; nem mais innobrecido por grandes qualidades e virtudes! Com quanto não chegasse ao que D. Julia dezejava, ainda assim o que Salvador havia de herdar de sua mãe, junto ao dote da menina, assegurava-lhes o futuro a coberto de sobresaltos, e até opulento se soubessem limitar as suas ambições. Era por este modo que D. Julia compunha o futuro.

Não se achava porem Anselmo d'este accordo. Fazia justiça ao mancebo; queria-lhe como se fosse seu parente, mas, o movel de toda a sua vida tinha sido e era uma ambição desmesurada. Contra a riqueza e importancia social é que ninguém achava argumentos, segundo elle. Por tanto, como lembrar-se de preferir Salvador ao visconde para seu genro, depois que sonhara para sua filha as grandezas d'um titulo?!

Quando emfim D. Julia lhe fallou n'este sentido, a sua resposta combinada com toda a delicadeza para não ferir a susceptibilidade dos dois, foi uma recusa formal adocada com as melhores razões, e todas firmadas no pouco que elle dava por estes enlacs em que ambos os contrahentes sahidos ha pouco da infancia não podiam ter o juizo prudencial e necessario para sua felicidade futura. Disse mais, que tambem não podia comprometter a sua palavra; o que unicamente podia asseverar-lhes, era que nunca diria *sim*, quando suas filhas dicessem *não*.

Esta ultima parte suavizou a recusa. Como o condemnado sem esperanza, Salvador apegou-se ao ultimo recurso. Já vimos como tambem este lhe fallou.

(*Continúa.*)

~~~~~

**ARTE DE DESAMAR**  
**DE OVIDIO**  
**O AUTOR DA ARTE DE AMAR.**

PARAFRASE LIRICA

POR

A. F. DE CASTILHO

~~~~~

CANTO I

D'este livrinho o titulo  
no alto da branca pagina

tinha estampado apenas,  
quando nos ares subito  
sôa um fragor de pennas;  
olho, diviso Amor.

Do mundo o infante despota,  
que o gira de continuo,  
que tudo espregia e nota,  
e a cuja vigilancia  
não ha perfidia ignota;  
leu; pasua; arde em furor.

«Guerra!—exclama—preparam-me guerra!  
Um cantor temerario presume  
destruir meu imperio na terra,  
quando em céos 'té de nubes sou nume!»

«Cupido,—lhe respondo reverente—  
ede tão atroz sacrilego attentado  
não crimines um vate obediente,  
ca quem mil vezes teus pendões has dado;  
ee que sempre fiel ao teu commando,  
eviste nas lides tuas militando.  
ePor quem me tomas tu?; sou eu Diomédés?  
esse furioso, cuja cega lança  
(que horror!) no meio da feroz batalha  
ea ferir a mãe tua se abalança?  
«Ah! supponho-a estar vendo! horrorizada  
usalta ao coche de Marte,  
ee maldizendo ao barbaro, lá parte  
ado orbe vil para a olimpica morada  
«D'outros o coração em giro alterno  
sresesam tempos de calor e frio:  
atem primavera, estio,  
apalido outomno, e regelado inverno;  
eo meu, não; amou sempre; e mesmo agora,  
eques saber em que se impregna? adora.  
«Inda mais; não fui eu, quem de alcançar-te  
scompuz, cerrei num codigo os preceitos?  
ee os que antes só do instincto eram effeitos,  
anão são hoje por mim dictames de arte?  
Essa arte minha gloria, e tu mimoso,  
egentil menino, de minha alma incanto,  
eu trahir-vos! Pensal-o até não ousol  
arenegaria a muza o proprio canto!?

«Que n ama a seu contento, é fortunoso;  
adeixe-se ir no seu rumo ao som do vento;  
amas quem gemer em jugo vergonhoso,  
avenha salvar-se; refloril-o intento.  
«Podes tu ver um terno delirante  
«dispor n'uma alta viga o proprio laço?  
epedir remedios ao veneno, ao aço,  
«tu! meu Cupido! tão gentil e amante?  
«Aquelle que teimando morreria  
anão teime: quebre o infando captiveiro.  
«O teu cantor do teu altar desvia  
esacrificios de sangue, ó deus fagueiro.  
«Tu não és um verdugo, és um menino;  
esó condiz o brincar á tua idade;  
ebrinca, e teu roscó sceptro purpurino  
esó prazeres diffunda á humanidade.  
«Arco sim tens na mão; carcaz á cinta;  
amas não n'ó pejas com farpões de morte;  
eerna lança, ignea espada em sangue tincta,  
aque as leve o teu padrao, audaz Mavorte.  
«Tu só te exerce na materna guerra;  
aguerria sem risco, aos corações tão cara,  
«que não despoja as mães, não erma a terra,  
amas a povôa, e festas lhe prepara.

«Influe, para dar gloria ás raparigas,  
 eque a surda porta, a preces despidada,  
 encontrões soffra de nocturnas brigas,  
 ee amanheça de flores coroada.  
 «A' tímida donzella, ao guapo amante,  
 einfunde osúio, com que a furto apertem  
 daços teus; e a seu Argos vigilante,  
 ezelos, cautellas, tramas, desconcertem.  
 «Timbra em ouvir excluso namorado,  
 ora exalar requebros e blandicias,  
 ora romper em subitos de infado,  
 ora carpir-se em cantos de delicias.  
 «Lagrimas d'estas muito embora as queiras;  
 umas d'estas só, meu trefego muchacho.  
 «Para ateaes lugubres fogueiras  
 anão é que a amavel mãe te accende o facho.»

As azas fulgidas  
 Amor ouvindo-me.  
 bateu feliz;  
 —«Approvo o intuito;  
 «saia esse cantico!  
 «serve-me.»—diz.

Vós, que Amor enganou, sempre, e de toda a parte,  
 vinde agora aprender nova, infallível arte.  
 Ensinei-vos a amar, de amar vos livrarei;  
 d'onde houvestes o mal a cura recebei.  
 Venenos e triaga a mesma terra cria,  
 e ás vezes faz a ortiga ás rosas companhia.  
 Como a lança Achilêa, ao que feriu, curou,  
 se vos agrilhoei, apto a soltar-vos sou.

Pertence a qualquer sexo, o que eu dictar ao nosso;  
 armal-as por igual, devo, desejo e posso.  
 Se algo do que eu disser elleio ás damas for,  
 como exemplo talvez lhe encontrarão valor.

¿Quem negará ser util  
 o empenho de extinguir fataes incendios;  
 a ambição de vencer paixões tyrannas?

Fosse antiga no mundo a escola minha,  
 tivessem-n'a cursado os sem ventura  
 que nos annaes de amor nos pedem magoas,  
 de catastrophes taes nem sombra houvera!  
 Inda hoje viveria a pobre Philis,  
 e mais de vezes nove iria ás praias  
 Demophoonte esperar. Não vira Dido  
 do miradoiro seu, por entre as vascas  
 da saudosa agonia, as teucras velas  
 lá no horizonte ao longe osvaccarem-se-lhe.  
 Não matára Medéa aos proprios filhos,  
 por se vingar de um perido. Co'as regras  
 da sciencia que eu fundo, embora em laços  
 Tereu da Philomela, esquivaria,  
 pena de um crime atroz, ser feito em ave.  
 Dai-me Pasiphae, deixará seu toiro.  
 Phedra venha, a rasão renasce em Phedra.  
 Venha Páris, vereis como não foge  
 Helena a Menelau, como seguro  
 de grego incendio, Pergamo subsiste.  
 Houvera lido Scilla os meus livrinhos,  
 deixára intacta a purpura paterna.

Segui-me pois; seguí-me. Hãbil piloto  
 rodearei parcea de impios extremos;  
 são e salvos no porto assomaremos.

Ovidio, o que de isentos fez amantes,

vai já soltar, os que inlaçava d'antes.  
 Se então lhe dèstes fé, preste-lh'a agora  
 que a pretoria varinha em punho arvora.

De medicos e vates  
 eraculo divino!  
 ó Phebo! A ti me inclino,  
 supplico o teu favor.

Vem, vem, não m'o dilates;  
 curar co'a lira imprendo;  
 teus dois laureis pretendo  
 me adornem vencedor.

## ECCOS DE LISBOA

Passou o carnaval —Bailes e theatros.—O dominó represen-  
 tando a maioria.—Adivinham grandes reformas nas tendencias  
 carnavalescas.—A parte da policia substituindo a resenha dos  
 divertimentos publicos.—Imperio do cartaz.—Alcance social  
 dos seus progressos.—O cartaz promette matar o theatro, ou o  
 theatro tem de modificar o cartaz.—Um japonéz a contar as  
 festas do entrudo e a cerimonia da cinza.—Roma e as vaidades  
 humanas.—Frei Bartholomeu dos Martyres e os Cardeaes.—A  
 companhia francesa na Trindade.—Os nossos actores e os acto-  
 res da nova *troupe*.

Passou a época do carnaval. Já lá vae. E comtudo,  
 deixou-me ella na imaginação graves apprehensões sobre  
 um phenomeno, cujas consequencias sociaes ainda se não  
 calculam. Fallo do desenvolvimento temeroso do *cartaz*!...

Não imaginam a que proporções descommunes,  
 incríveis, fabulosas chegou este anno este meio de com-  
 munição!....

Eu ainda sou do tempo (e não sou velho) em que  
 o cartaz se contentava com as dimensões nada ambicio-  
 sas de meia folha de papel. Por exemplo:—*Real Theatro*  
*de S. Carlos.*—*Sexta feira 14 de outubro de 1862*—*Opera,*  
*Norma, Dança, O orphão da Aldea.*—*Principia ás 7*  
*e meia.* Isto eram os singellos dizeres do cartaz, ainda  
 ha trez ou quatro annos; e para dizeres tão sinceros e  
 humildes bastavam-lhe dois palmos de largo, e palmo e  
 meio de alto.

Hoje?... vão lá vel-o. Encheu a esquina. Prega-se  
 com uma escada, e vão dois homens, um para o erguer á  
 altura do primeiro andar, e o outro para lhe ficar segu-  
 rando a cauda, cá em baixo na rua. E o cunhal é já pou-  
 co espaço para este lençol de papel de trez ramos e meio  
 enlabyrinthado de lettras de todas as cores, feitos e ta-  
 manhos, cheio de promessas que fazem estremecer de  
 previsões jubilosas a imaginação do espectador de boa  
 fé!

Ha cartaz que já de si é um espectáculo; assim co-  
 mo ha individuo a quem a leitura do cartaz lhe basta.  
 E muita vez fica mais bem servido, que indo ao theatro.  
 Toma bastante substancia no titulo da peça, decora a no-  
 menclatura dos quadros; repara se entra o Taborda, ou o  
 Tasso; traça na imaginação tudo que elles poderão dizer  
 já de seu conhecido; ri-se ou sensibilisa-se, segundo a  
 natureza dos lances imaginados, e depois recolhe-se a

casa, apto para narrar á familia todos ou alguns episodios possiveis do drama.

E' este o perigo do cartaz *historiador*. D'antes o cartaz era um enigma. Um titulo, alguns personagens, e nada mais. Quem quizesse adivinhal-o, fosse ao theatro. Sem se ter feito a despeza do aluguer de um camarote, ou de um bilhete da platéa, não se podia ajuisar de que ia lá dentro. Agora a verdadeira funcção está muitas vezes no cartaz. Por exemplo, figura-se um cartaz de cavallinhos. As evoluções acrobaticas e equestres são alli esboçadas com todo o arrojo illimitado de lapis do desenhador. Pasma a imaginação diante d'aquellas difficuldades. No cartaz o cavallo corre sempre á desfillada, e nunca esbarra; o volteador já mais perde o equilibrio. O artista chinez engole toda a duzia de facas do programma, e não se engasga uma vez. A propria mademoiselle Kennebel tem a belleza de pernas que quer, graças á condescendencia do lythographo seu admirador.

Vejam se ha maravilha semilhante! E tudo effeitos do cartaz moderno, porque lá, no circo, tudo é diverso. Lá o cavallo empina-se e o volteador cahe e suja-se de terra: e quanto ás pernas de mademoiselle Kennebel encontram-se opiniões, sobretudo depois que uma noite se notou virem as barrigas das pernas viradas para o lado direito!...

Este phenomeno anatomico preocupou seriamente a sciencia, mas esfriou grande parte dos predilectos da artista.

E ainda o cartaz a ter culpa d'isto. Porque elle é que tinha inculcado aquelle bello ideal de pernas. Era no enlevo d'aquelle typo de gentileza femil que as imaginações se haviam exaltado, indo depois encontrar o desengano no artificio de algumas camadas de algodão descuidosamente sobrepostas!...

E quem comprometten a artista? O cartaz. Porque, sem o desenho correcto e voluptuoso do cartaz, a arrojada volteadora podia ser senhora de ter as pernas que quizesse, sem ninguem ter direito de lhe pedir contas em nome do bello ideal da arte.

Ora é por isto que eu comecei dizendo, que não é facil de prever qual seja o ponto a que nos poderão levar as consequencias sociaes do cartaz, presentemente.

E' uma these, que eu hoje apenas aqui enuncio, mas cujo alcance já podem prever, e que não pode ser outro, senão o seguinte: Ou o cartaz tem de ser mais comedido nas suas promessas, ou o theatro mais verdadeiro observador das promessas do cartaz, alias o cartaz será o primeiro inimigo do theatro, fazendo antever ao publico os espectaculos que não podem realisar-se.

Eis o lado philosophico e serio da questão. Que o meditem os empregarios, porque vale a pena, que en vou desenvolver os ultimos acontecimentos carnavalescos.

Os ultimos acontecimentos carnavalescos, em Lisboa, verdadeiramente, devem antes ser avaliados nas partes de policia, dó que nas resenhas dos espectaculos. E' lá onde figuram os grandes successos d'aquelles dias.

Corramos, porém, um veu sobre essas vergonhas, e deixemos aos jornaes politicos a sua analyse.

Agora voltemo-nos para os bailes. Os bailes, este anno, estiveram frouxos. Tiveram concorrência, mas não havia n'elles *folia carnavalesca*. Parecia que iam todos alli representar um papel forçado. Os dominós continuaram a ser muitos e a passear gravemente, guardando sempre aquelle silencio mysterioso que dá que pensar aos curiosos d'estes episodios. Que uns affirmam que este silencio é mysterio, e outros carencia de ideas. Que o dominó é a ausencia de gosto, sei eu, porque só quando não ha phantasia para idear cousa alguma, ou chiste natural para insuflar vida e graça n'uma personificação carnavalesca, se pode adoptar este trujo anonymo, que é o valhacontos dos parvos, e uma emboscada armada aos curiosos de boa fé.

Depois dos dominós, em quantidade, seguiam-se logo as *grisetas*. O vulgo chamava-lhes *grisetas*, e podia-lhes chamar bem á vontade *candeias* porque muitas d'ellas eram realmente cusineiras.

No entanto registei com gosto, que continuava a ser banido d'esta sociedade vertiginosa o rei mouro e a pastorinha do arco de flores de papel, que faziam as delicias de nossos maiores. O *débardeur*, o *piervot*, o cor-reio-francez, sobre tudo o *costume* de phantasia, continuam a ser os preferidos, e a disfarçar as fórmas duvidosamente seductoras do sexo tambem duvidosamente feminino que enchia os salões publicos, por que, para mim, uma mascara é sempre do genero neutro.

D. Maria e a Trindade tiveram a primasia. Este diziam os entendidos, que sonhavam dentro das redobradas pregas d'aquella phalange de dominós, tudo bellezas mysteriosas. Eu tive serias duvidas a esse respeito. Notei comtudo, com satisfação, que se vae abolindo a gritaria, e que já ha mascaras sensatas que julgam poder-nos dirigir algumas phrases, sem ser n'aquelle tiple obrigado de outras eras. Em summa, as reformas são importantes; e quasi podemos esperar, sem pecha de audazes, que d'aqui a dois ou tres annos, se não houver um governador civil que publique um edital para o deixar desacatar, e tenha ás suas ordens uma policia civil, para lhe atirarem ovos e ultrages, o carnaval, em Lisboa ha-de ser uma cousa recreativa. Esta é a minha opinião.

E é de certo este resultado que tanto desejava aquelle viajante japonéz, de quem se conta a anedocta seguinte:

Achava-se elle em Lisboa, n'aquelles felizes tempos, em que o bello ideal do entrudo era uma boa laranjada passada por braço valente, e que pela volta das Ave-Marias, quando já faltavam as laranjas, e outros arremessos, assim aristocraticos, vinha da janella abaixo toda a cacarada velha, com grande risota de todaa visinhança, e apenas o desconto, alias inoffensivo, de duas ou tres cabeças quebradas.

O viajante japonéz ficou aterrado com os episodios d'este genero de entrudo que faziam as delicias dos nossos compatriotas, e desafogou com um amigo, escreven-

do-lhe uma carta em que lhe dizia, que estava n'um paiz, cujos habitantes eram sujeitos a uma enfermidade que lhes durava 3 dias. Que durante estes tres dias praticavam desvãos inacreditaveis; os filhos empulhavam os paes; os tios eram empoados pelas sobrinhas; as vizinhas burrifavam os vizinhos: n'uma palavra occorria um transtorno completo nos costumes; mas que ao cabo dos tres dias a molestia passava, indo toda a gente á igreja, e fazendo-lhe os padres um signal da cruz na testa, com um pó muito fino.

Ora aqui teem, como aquelle espirito sagaz explicava o entrudo e a cerimonia das cinzas, nos templos da christandade!

Era a cura de uma folia, a cinza!... E era... e é. Nunca a moralidade d'esta lição, que nos dá a egreja, foi melhor achada. O terrível *memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris* é de certo efficaz medicamento, para os deveres das nossas paixões, toda a vez que o meditamos. Aquelle pó é grande exemplo diante das vaidades humanas. *Et in pulverem reverteris.*

A miseria é que seja Roma, aquillo que mais profundamente devera meditar na verdade das solemnes palavras da igreja, que se esqueça d'ellas, e que unicamente nos recorde dos deveres aulicos que tem de cumprir para com o soberano pontifice! Por occasião d'esta cerimonia, quando um dos cardeaes chega ao papa, e lhe faz o signal da redempção na fronte com cinza, supprime por *consideração* para com o soberano de Roma, as palavras: *Memento, homo, quia pulvis es!* O pontifice não precisa de lembrar-se de que é pó! Que triste bajulação com os poderes da terra! Até quando o pó da cinza humana diz ao barro dos orgulhos sociaes, que tudo é poeira e que em poeira se ha de tornar, vem a etiqueta cortesã e diz á egreja catholica:—Dá tu essa grande lição ás vaidades do mundo, porque tambem a deu Deus a Adão, depois da sua desobediencia, mas não se diga a verdade inteira ao rei de Roma, porque aos principes é impolidez dizer-lhes cousas desagradaveis.

E depois d'isto queixam-se de Garibaldi chegar ás portas da cidade eterna, com mão armada! A guerra, á instituição do passado quem lh'a tem feito, tem sido a curia. Já ha seculos o affirmava o nosso bom fr. Bartholomeu dos Martyres, pedindo para os illustrissimos, *reverendissimos* cardeaes *uma illustrissima e reverendissima reforma.* O successor de San Pedro, se procura seus inimigos, olhe em roda de si, e não os procure n'outra parte, que lá os encontrará.

Chegou a companhia franceza, e deu já a sua primeira representação no theatro da Trindade. Era esperada com ansiedade pelos francezados, ou *francelhos*, como lhes chamava Fylinto Elysis; mas a desillusão foi completa: é menos que mediocre. Ha apenas um actor comico, mr. Bandy, e uma actriz ainda nova, mademoizelle Dargent, que sabem d'este nivellamento commum.

Desenganem-se os apologistas encanecidos de Paris, que os nossos theatros estão muito adiantados, e que em D. Maria, na Trindade e no Principe Real existem

artistas notaveis, onde quer que for que sejam vistos. Hoje, em Lisboa, uma companhia franceza já não figura, a não ser de primeira ordem. Não acreditavam isto: ora ainda bem que o veem demonstrado. Só, pelo simples facto d'aquella gente ser franceza, asseveravam que havia de ser mui superior a tudo que é nosso, e bem veem que se enganaram. Não-de vir a espantar-se de que o talento e a arte não tem climaterica; e que a França, por ser França, não tem direito á admiração da Europa. A ultima exposição devia tel-os desenganado d'isto. A nação franceza patenteou grandes forças industriaes e digna emulação em todos os ramos da arte, mas a Italia, a Allemanha e a Inglaterra sustentaram o seu lugar. Embora na adjudicação dos premios houvesse a parcialidade que todos notaram, e que os reiterados protestos e reclamações puzeram bem patente, contudo a palma da industria util coube ao povo inglez e as artes plasticas foram ainda d'esta vez coroadas nas mãos dos italianos e dos allemães. A França é uma grande nação; mas unicamente para aceitarmos d'ella só o que é bom, e repellirmos o ruim. D'esta verdade, incontestavel em todos os casos da vida, não devemos, nem podemos, incluir o que nos venha d'alli só por trazer o carimbo de francez.

A verdade é, que assim como a vemos, a companhia franceza redundará em decisiva perda para o theatro. Boa, poderia ser um recreio para o publico, e com elemento de instrucção para os nossos actores mais novos; porém, assim serão antes quasi todos os seus artistas que terão de vir sentar-se nas nossas primeiras plateas, para verem, como talentos inteiramente desauxiliados das tres condições essenciaes do ensino do actor, bons modellos, critica desapaixonada e esclarecida, e plateas illustradas, teem adivinhado os mais difficeis segredos da scena, e grangeado fama, que nem invejosos nem maldizentes poderão escurecer. Palcos onde vemos Emilia das Neves, Rosa, Santos, Taborda, Delphina, Emilia Adelaide, Theodorico, Tasso, Izidoro, e ainda ha pouco existia Manuella Rey, esse engenho privilegiado que tão cedo se apagou, não podem ser facilmente desconsiderados, porque os talentos que alli refulgem são argumentos que se avivam cada vez mais que os vemos, e que não podemos deixar de applaudir.

E não fallo aqui dos nossos actores antigos de todos os generos, d'essa nobre e sympathica familia de vocações especiaes para o dramatico e para o comico, como Dias, Lisboa, Theodonea, Velho, Florindo, Barbosa Ludovina, Epiphaneo, e outros que já não conheci, porque seria alargar muito esta recordação justamente motivada por um sentimento, que não podia deixar de ser considerado de indignação contra essa facilidade que ha, entre nós, de alcunhar de mau tudo que é nosso.

A companhia franceza ahí está. Vejam agora quem tem razão. Intendem já escapar-se pela tangente dizendo que são auctores da provincia. Mas ainda ha pouco diziam-nos que eram do Theatro Francez e de Odion...

Já percebemos: o rótulo, para os entendidos, era es-

sa, porque os não intendiam, bastava-lhes o simples nome de mercadoria franceza. O prestigio d'esta denominação obraria o prodigio. Mas não obrou. Logo, na primeira recita, os signaes da esqerança partiram de todos os angulos da sala, e se não fo am mais estrepitosos e manifestos, foi porque o publico que enchia camarotes e plateas era do mais escolhido da capital. Isto é a verdade.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

#### ALGUNS LIVROS ULTIMAMENTE PUBLICADOS

##### As Pupillas do sr. reitor

POR JULIO DINIZ

(Continuação.)

Ha bastantes annos escrevia eu, na minha memoria offercida á Academia, que seria benemerito das lettras todo o escriptor empenhado na proveitosa tarefa de colligir, por esse reino, as lendas e tradições da superstição do nosso povo, para depois, ajustadas em episodios ou encadeadas como parte exornativa, servirem a pequenos romances de fazer realçar a physionomia e indole da nossa genuina poesia nacional.

A perspicacia de alguns romancistas portuenses tinha já adivinhado n'este ramo litterario um rico minerio, cujos veios abundantissimos, poderiam ser explorados com acceitação, e até encarecimento por todos os que desejam ver a nossa litteratura, sem a liga nem fezes de influencias estranhas. *A rua Escuro*, do tão mallogrado escriptor Coelho Lousada, morto na florescencia da vida e do talento, desdobra um d'estes quadros, em que as crencas e abusos da credulidade popular veem dar alma e feição a um aggregado de scenas agitadas dentro dos limites de uma epocha determinada. Que pena, foi tão bem estreado engenho, não poder medrar no muito que nos promettia! *O Arco de Sant'Anna*, do visconde de Almeida Garrett, e *Um anno na corte*, do sr. Andrade Corvo, e tambem as novellas intituladas *Um motim ha cem annos* e *A ultima dona de San Nicolau*, do sr. Arnaldo Gama, de igual sorte se aproveitam d'estas ficções e individualidades, como verdadeiros elementos que só conseguem imprimir cunho portuguez n'estes trabalhos da imaginação. Na *Bruza do Monte Cordova* evoca o sr. Camillo Castello Branco, com mão de mestre, algumas d'estas personificações, que as recordações da infancia tanto nos poetisam. Porém, *As Pupillas do sr. reitor* vieram agora traçar mais largamente um d'estes quadros, donde, como flores silvestres nascidas de entre os silvados das aldeas, surdem os costumes, as figuras, as usanças e os enflorados aspectos da vida dos campos. E' esta decerto o theatro mais adequado, para o desafogo da larga veia da tradição popular. Ainda, entre nós, ninguem havia acceitado o genero tão abertamente, como o sr. Gomes Coelho. Na Suissa allemã são abundantes estas tentativas. Na velha Allemanha muitos teem sido os romancistas e poetas empenhados em consagrar, em

seus escriptos, os costumes e o viver intimo dos camponeses. Pestalozzi é um pintor esculpido da vida campestre. Na mesma epocha em que Noss escrevia *Luiza*, compunha elle a sua graciosa novella de *Lienhardt e Gertrudes*, que reproduz com verdadeiro attractivo, as alegrias e maguas da existencia rustica, e préga bem suavement as leis do trabalho e os puros e santos dictames do lar domestico. Jung Stilling, o mystico e brando devaneador, que tanto subtilisa a seiva verdadeiramente campesina de seus primeiros trabalhos, e tambem Kebel, e mais, de fresco, Immermann, José Rank, Bertholdo Auerbach, Leopoldo Rompert, e por fim Jeremias Gottkelf, ou antes Alberte Bitzius porque Jeremias Gottkelf é um pseudonymo; completam esta collecção de engenhos, preciosissimos pelo amor desinteressado com que se votam á pintura dos costumes dos aldeões allemães, ao estudo paciente de seus bons e ruins instinctos, e sobretudo pelo desejo de lhes ser util, desejo ardente de lhes revolver o coração e fazer ali fructificar os germens sagrados de uma sã moral.

Em França, este exemplo encontrou talentos imitadores, mas talentos, apenas. Com raras excepções, a louvavel emulação produziu mais do que obras artificiaes. As scenas de Berri, de Jorge Sand, são thesouros de verdade e poesia, mas contrafeitos pela affectação do artista. Não trato das composições de Lamartine, affectuosas, lyricas, porém as mais falsas que tem imaginado a chamada inspiração popular.

A Inglaterra, essa sim; essa apresenta-nos formosos e naturalissimos modellos. Uma das melhores provincias da poesia ingleza, e de certo um dos seus dominios mais caracteristicos, é a variada galeria de vigarios e reitores, dentre os quaes sobresahe a physionomia maliciosamente simples do vigario de Wakefield. Thompson, Penrose e William Cowper ligam-se estreitamente a esta familia, de que Goldsmith traçou o ideal.

A nossa litteratura tambem possui duas d'estas apreciaveis personificações no padre Froilão, do *Alfajeme*, e no presbytero, do *Parcho da aldeia*, do sr. Alexandre Herculano. Retratam bem do natural as puras e bondosas physionomias dos velhos tempos, que já não voltam. Bem raros são hoje até os modellos; ou, se existem, fallecem-lhes os poetas para os encarecerem; e, se não fallecem, comprazem-se em alterar, com intenção insidiosa, a pureza d'aquellas venerandas figuras patriarchaes, introduzindo-lhes na alma candida as turbulencias e irritações de espirito moderno. São obras compostas antes por artistas, que não compõem para o povo, mas que, aproveitando do povo os costumes, os effeitos pintorescos e as feições poeticas do seu viver de todos os dias, tentam, com este cabedal, remodelar uma litteratura esquecida ou despresada, colorindo-a de côres repugnantes á sua indole, e nem sequer curando da ingenuidade do caracter moral da obra.

Esta arguição não se pode fazer ao livro do sr. Gomes Coelho, posto que, diga-se a verdade, o romance das *Pupillas* seja um trabalho de mera arte, analysado com



rigor por algum dos seus aspectos. Não que o proposito do auctor fosse devassar os mysterios e transe da vida provinciana, para especular com elles, porque, pelo lado moral, nada de mais irreprehensivel do que aquella serie de quadros, em que ao lado do erro surge logo a lição altamente edificante. Seja exemplo a scena dos jogadores na taverna, lance que é reproduzido e bem conhecido já, mas que traduz os bem intencionados intuitos do auctor, assim como o que se passa com as mães das discipulas de Margarida, onde a calumnia é humilhada até aos extremos do arrependimento. O sr. Gomes Coelho exalta com fervor as virtudes do coração da mulher, e os deveres do lar, faz comprehender a dignidade da existencia em todas as condições do trabalho honrado. Todas estas qualidades estão demonstradas, e exemplificadas, nos sentimentos e actos praticados por José das Dornas, pelo cirurgião João Semana, pelo reitor, pelo mesmo caracter de Pedro, typo da lhaneza de bondade provinciana. Vê-se que estas diversas creaturas obedecem a uma elevada inspiração moral. E até, diga-se a verdade inteira, o romance, apreciado por este lado revela uma candura, uma pureza de indole, que de certo attrahe verdadeiras sympathias ao auctor.

E é esta branda e virificadora athmosphera, que banha todo o livro, de que resulta o mais seguro e irresistivel condão para o leitor o ler e reler, ficando-se ainda depois a co-existir, a pensar, e a tratar com aquellas figuras todas, que ainda as menos favorecidas pelos dotes de um bom interior, como o João da Esquina, a mulher, a beata, e outras, nos agradam, e com ellas folgamos, pelos traços comicos que lhes alegam o semblante. Quanto á parte moral, já disse, o livro é completo: encerra exemplo e ensino. E sobretudo, a lição é dada, sem que se sirva o desabrimento do moralista, nem a causticidade de pedagogo.

O defeito do livro é puramente como obra da arte. O coração da mulher de campo é alli *sophisticado*. O snr. Gomes Coelho esqueceu-se de como sentiam as pobres raparigas da sua aldéa, e tomou por exemplar o coração da mulher das cidades.

Cousa singular! Nada mais verdadeiro do que toda a estensa galeria de seus personagens comicos, e nada mais artificial de que Margarida e até mesmo Clara! Aquella é uma *bas-bleu* sentimental, e esta não passa de uma loureira, como nol-as apresenta a devassidão já requintada das cidades.

E porque será, que o lapis que esboçou tão de vez, e a traço tão firme os prefis do bom do lavrador, do tendeiro, do cirurgião, da criada d'este e da beata, não conseguiu a simplicidade de linhas que pedia a natureza rustica das duas aldeãs? Porque foi o auctor um verdadeiro Mogarth, quando tratou de nos compôr o quadro dos personagens caracteristicos da vida da provincia, e depois empregou um estylo tão *repintado* e *lambido*, quando desejou surprender e inquerir os segredos d'aquellas creaturas femeninas?

Parece-me que poderei explicar o phenomeno d'este modo.

A infancia do sr. Gomes Coelho julgo ter corrido longe da cidade, em presença dos espectaculos grandiosos de natureza, e no seio do esparecido ambiente dos trabalhos ruraes. Não sei se nasceu aldeão, mas as tendencias do seu coração, as predilecções do seu genio artistico, levam-no para as aldeas. Percebe-se que n'aquella memoria ha recordações vivas, d'estas que so podem nutrir e enflorar os successos dos nossos primeiros annos. Toda a parte descriptiva do livro das *Pupillas*, não está só narrada, está profundamente sentida pelo auctor. Não é um pintor *tourista* que, embevecido pelo aspecto rude de uns sêrros alcantilados, ou pela vista aprasivel e um casalinho a sahir da espessura de carvalheiras seculares, se detem a copial-as, para enriquecer o album das suas recordações de viagem; é um filho dos campos que sabe a historia d'aquelles montes, que os entrevê todos povoados das reminiscencias da sua infancia.

Porem, o aldeão cresceu e tornou-se homem; as exigencias do seu futuro destino trouxeram-no ás cidades. Ahi encetou estudos serios. Comeu o fructo da sciencia, e perdeu a innocencia primitiva. Os conhecimentos physiologicos adquiridos pela sua profissão e o seu pronunciado talento de moralista, fizeram d'elle aquelle analysta dos homens e das cousas, que tanto nos encanta e assombra.

Mas o demonio da analyse crestou-lhe as azas dos antigos vãos, que seriam decerto as lembranças innocentes, os sonhos juvenis, as recordações da ingenuidade infantil, onde transluziria, como em cambiantes formosissimos, o verdadeiro e singello sentir dos habitantes da sua aldéa. Depois d'isto ficou-os vendo antes como espirito observador, do que como poeta. O coração já os não sentiu, foi a cabeça que os analysou. E o excesso da analyse levou-o a surprender—ou antes a crear sentimentos de alma estranhos, em personagens, onde fôra mais natural encontrar apenas os affectos primitivos da natureza rustica. O amor de Margarida, principalmente, tomou-o elle como um grande thema da paixão humana. A simplicidade e inexperiencia do sentir aldeão, fugiu diante do livro metaphysico da *Theoria das paixões*. Cada hypothese de sentimento feminino, tornou-se motivo para uma larga dissertação. E este abuso de phylosophia moral (permitta-se-me a palavra) abuso influe, não só na ordem das ideas e affectos, mas no seu corolario immediato: na linguagem. Em geral, as mulheres do romance, isto é o sentimento, é mais regido pela cabeça do que pelo coração; ou, para melhor dizer, é o auctor que pensa e falla em seu nome.

E' este o grande defeito do livro. A naturalidade e simpleza d'aquelle quadro pastoril, são essencialmente alteradas por estas discordancias *scientificas*.

E permittam-me que, sem a mais ligeira sombra de hostilidade, apontemos aqui uma ligeira amostra d'estedeito, que o farei mais para justificação dos meus reparos, de que com desejos de censura. Qualquer dos lances, em

que fallam as duas irmãs, para o exemplo. Seja esta, em que Margarida se dirige a Clara:

«—A minha amisade, pedes-me tu! e um pouco de amisade, disseste? E, a não ser a ti, a quem queres que eu vá dar toda esta que Deus me pôz no coração para dar? De tua mãe recebo eu a esmola do pão e de abrigo; agradeço-lh'a, e rogo a Deus por ella: a ti, devo-te mais; devo-te a esmola de consolação e de conforto; por isto te estremego e quero, Clarinha. E tu duvidal-o?...»

(Continua.)

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

## EXCERPTO DO ROMANCE INEDITO

### A CONSPIRAÇÃO DE PERNAMBUCO

#### I

#### Um sermao de Antonio Vieira

Havia dois ou tres dias que a armada hollandeza do conde Mauricio de Nassau forçando a barra da Bahia, e depois de lançar em terra as tropas de desembarque, principiou a bombardear a cidade. Dentro dos muros da capital do Brazil a confusão era extrema, e a consternação immensa. A fama das victorias dos Hollandezes tinha, havia muito, de sobresalto os habitantes de S. Salvador. Sentiam que lhes estava imminente a sorte de Olin-da, e não julgavam ser mais felizes do que os Pernambucanos. Quando a estes os não pôde defender o heroismo de Mathias d'Albuquerque, tendo na sua frente um general medioere, como era Theodoro Vanderbury, poucas esperanças devia alimentar quem era defendido pelo conde de Bagnuolo, que só contava derrotas na sua infeliz carreira militar contra Mauricio de Nassau, um dos mais habéis estrategicos do seu paiz e do seu tempo.

Triumphou logo no primeiro impeto o exercito hollandez; desembarcando na praia de Tapagibe, investira a fortaleza de Monserrate, cujos torreões quasi desguarnecidos, por que de tres lados os banhava o mar, e do quarto lado apenas lhe dava accesso umas pequenas linguas de terra, campeavam u'anos da sua supposta inexpugnabilidade; tambem não resistiu a fortaleza de S. Bartholomeu; e Mauricio de Nassau, firmado logo n'esses dois pontos d'apoio, marchára a estabelecer-se na eminencia chamada do Padre Ribeiro, que ficava a menos de meia legua da Bahia. Debalde o conde de Bagnuolo envia algumas companhias a hostilisa-lo, e a embaraçar-lhe a marcha. Apezar do valor com que se portaram, não conseguiram o seu fim. Mauricio de Nassau marchou desassombradamente, ainda que deixando o caminho juncado de cadaveres dos seus, e estabelecendo as suas baterias com rapidez, começou a varejar de balas os intrincheamentos avançados, que defendiam a cidade.

Era ao cahir da tarde, e havia nas ruas de S. Sal-

vador um alvoroço indescriptivel. Magotes de populares cruzavam-se por todos os lados, como furiosos e pedindo armas, outros pallidos de susto e invocando a misericórdia do Altissimo. As mulheres que viam nos hollandezes uma variante de Cannibae, choravam e arrancavam os cabellos accumuladas ás portas das habitações ou entravam á pressa os seus haveres para se pôrem a salvo no Recife, como haviam feito no tempo do bispo D. Marcos. Nos palacios não era menor a agitação do que nas casas modestas dos burguezes. Negros robustos transportavam á pressa em pesados fardos para sitio seguro as riquezas de seus amos. Nas praças estacionavam encostados á forquilha indispensavel para as suas armas quasi primitivas, as companhias de mosqueteiros que haviam sido repellidos, mas que, satisfeitas por terem cumprido o seu dever, esperavam com resignação uma nova ordem dos seus chefes. Aqui ou alem á esquina das ruas via-se illuminado pelos raios do sol poente, immovel e tranquillo, com o estoicismo caracteristico da sua raça algum indio das tribus alliadas, cujo heroico chefe, Potyguarassú, já não era tratado entre os portuguezes senão pelo nome pomposo de D. Antonio Philippe Camarão. Mais adiante, exprimindo-se com volubilidade, e manejando o arcabuz como um tambor-mór o bastão pezorava no meio d'um grupo d'escravos, que o escutavam boquiabertos, algum preto do terço d'Henrique Dias, narrando façanhas fabulosas operadas por esses heroes de Cabindo, ou da Corte de Mina. A cada instante entrava na cidade uma nova companhia de mosqueteiros, ou de arcabuzeiros dizimados, mas marchando com ordem e mostrando nos rostos marciaes os vestigios bem visiveis d'uma peleja a todo o trance. O regresso comtudo d'essas gloriosas reliquias augmentou a consternação dos sitiados, e ameaçava a cidade com a volta d'um d'esses panicos que tão fataes nos haviam sido em todas as campanhas contra os hollandezes.

Acima d'este borborinho confuso ouviam-se dois sons ainda mais lugubres e que faziam pairar o terror sobre a capital afflicta. Era a voz gemedora dos sinos que vibravam em todos os campanarios, acordando os eccos espantados com o pavidto toque de rebate, e era ao longe abafado mas incessante, o horrisono troar do canhão hollandez cuja chamma indecisa se podia ver, entre as sombras incipientes, avermelhando o horizonte.

As aguas da Bahia estavam já immersas em meias trevas, e entre essa nascente escuridão, apenas aqui ou alem cortados por um reflexo do sol doirando a crista espumosa das vagas, ouvia-se com indefinivel angustia melancolico lamento das ondas quebrando nos rochedos. A ilha d'Itaparica, vestida de denso arvoredor, envolvia-se em mysterios; do lado das campinas pelo contrario, ainda o sol esbrazeava o horizonte, doirava em metallicos reflexos a copa verdejante das arvores, e illuminava as cupulas e campanarios da cidade accumulados nas collinas e principiando já a descer para a beira-mar por encostas de rapido pendor. Mas em breve, como sempre, esse crepusculo em terras tropicaes, e a noite não tarda-

ria a envolver com o seu manto de terrores a consternada população.

Pelas portas dos templos abertas de par em par engolhavam-se ondas de povo, que vinham procurar junto dos altares ou uma esperança, ou um refugio. Em todos estava exposto o Santissimo Sacramento, e no meio das trévas em que se sepultava o corpo das igrejas esplendia a capella-mór com as innumeradas luzes que rodeavam o sacrario. Era para a igreja da Ajuda, a igreja dos jesuitas, que se dirigia mais grossa mó de povo. Sigamol-a nós tambem.

A vasta igreja da Ajuda, sem ter ainda a opulencia a que se elevou depois, estava tambem já muito longe de ser o templo modesto, onde os leitores da *Virgem Guaraciales* assistiram á solemnidade em que Beatriz cantou diante de Caetiguara maravilhado um dos psalms de Palestrina. N'essa occasião as sombras crepusculares augmentavam o sentimento religioso que parecia descer d'aquellas abobadas magestosas sobre a multidão ajoelhada. A capella-mór estava esplendidamente, mas essa concentração de fulgor não fazia senão tornar mais densas as sombras que se aninhavam nos recantos da nave. A travez dos vidros córados das altas janellas um raio de sol moribundo cou-se, franco e pallido, e desenhou na athmosphera um longo traço luminoso. A multidão confusa ondeava no corpo da igreja, e o choro das mulheres, o murmuro das preces confundiam-se n'um funebre lamento. O orgão, triste e como que suspirando apenas, fazia ouvir o seu canto vago, vibrando debaixo dos dedos distraídos d'algun noviço jesuita. O sino calara-se por instantes, e o gemido do teclado parecia invocar apenas com timidez a protecção do Omnipotente.

De subito percorreu um frémito as turbas susurrantes, e todas as cabeças se voltaram para o pulpito que ficava escondido na penumbra. Um homem de alta estatura, de pouco mais de trinta annos, em cuja fronte larga e melancholica se via estampado o sello do genio, em cujos olhos vivos resplandecia a chamma do inspiração subiu vagarosamente os degraus da tribuna sacra. Vestia a ampla roupa negra dos jesuitas... Subiu e ao chegar ao pulpito, ajoelhou escondendo a cabeça entre as mãos. O raio do sol, quasi a apagar-se nos vidros ainda scintillantes cercou-lhe os cabellos d'um circulo d'ouro. Reinou profundo silencio no auditorio; o orgão, no meio d'essa mudez subitanea, prolongou tristemente o seu tenue suspirar, e a ultima nota de musica sagrada expirou trememente nas arcarias do templo.

O jesuita affastou lentamente as mãos que lhe cobriam o rosto, depois ergueu-o, e ergueu-se. Estava pallido; os labios tremiam-lhe convulsos, como se o agitasse intima febre. Dir-se-hia que o vendaval da eloquencia fazia vibrar as cordas do instrumento, onde ia despertar incognitas e tremendas melodias.

Porque esse homem era o padre Antonio Vieira.

*Ecurge, quare abdomis, Domine?* Disse elle com voz grave e profunda. *Ecurge et ne repelles in finem Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inopiam nostram et*

*tribulationes nostras? Ecurge, Domine, adjuva nos: et redime nos propter nomen tuum.*

Fez uma pausa. Ouviu-se ao longe o troar do canhão hollandez.

Antonio Vieira escutou um instante esse rumor longinquo, e fluctuou-lhe nos labios um pallido sorriso. Depois com a sua voz melancholica e grave, continuou:

«Com estas palavras piedosamente resolutas, mais protestando que orando, dá fim o Propheta Rei ao psalmo quarenta e tres. Psalmo que desde o principio até o fim não parece senão cortado para os tempos e occasião presente.»

O silencio era profundissimo: o crepusculo ia cada vez mais desdobrando na igreja o seu veu sombrio; os vidros córados iam passando por todos os cambiantes decrescentes de luz solar. A voz de Antonio Vieira conservou durante o exordio toda a sua gravidade austera; humilhou diante de Deus o espirito, para depois melhor se levantar, pedindo audaciosamente contas á Omnipotencia do desamparo em que deixava os Portuguezes. Quando rezou a Ave-Maria do final ao exordio, a sua voz estava humida de lagrimas; porem ao erguer-se de novo adquirira como que um timbre mais viril; a sombra crepuscular, a cada instante augmentada levantava a proporções colossaes a sua estatura firme e erecta no pulpito. Debaixo das vistas do orador sacro já se podia presentir o tribuno patriotico, já as vibrações da sua voz tomavam energia e vigor, já a eloquencia fogosa arrastava para as esferas vertiginosas, já o auditorio sentia correrem-lhe pelas veias as convulsões contagiosas do heroismo, e quando do seio das trevas em que estava o pulpito mergulhado, sahio, austero e forte, o brado de repriminação amarga contra a constante prosperidade dos hollandezes, ouviu-se como que um tinir d'espadas na amplidão do templo.

«Já dizem os herejes, exclamava no pulpito a voz d'Antonio Vieira, já dizem os herejes insolentes, com os successos prosperos que vós lhes dais ou permittis, já dizem que porque a lei que elles chamam religião é verdadeira, por isso Deus os ajuda, e vencem, e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos. Assim o dizem, assim o prégam, e ainda mal porque não faltará quem os creia. Pois é possivel, Senhor, que hão-de ser vossas permissões argumentos contra vossa fé? E' possivel que se hão-de occasionar de nossos castigos blasphemias contra o vosso nome? Que diga o hereje (o que treme de o pronunciar a lingua) que diga o hereje que Deus está hollandez? Oh! não permittais tal, Deus meu, não permittas tal, por quem sois. Não o digo por nós que pouco vi em que nos castigaveis, não o digo pelo Brazil, que pouco vi em que o destruisses: por vós o digo, e pela honra do vosso Santissimo nome; *propter nomen tuum.*

Não se ouviu nem um murmuro; estavam todos suspensos dos labios do padre, e elle estendendo o braço com um gesto á inergica maldição, tremejou do pulpito

com voz ao principio concentrada, e afinal rugidora como uma tempestade.

«Já que o perfido calvinista dos successos que só lhe merecem nossos peccados faz argumento da religião; e se jacta insolente e blasphemo de ser a sua a verdadeira, veja elle na roda d'essa mesma fortuna que o desvanece de que parte está a verdade. Os ventos e tempestades, que descompoem e derrotam as nossas armadas, derrotam e desbaratam as suas; as doenças e pestes que disimam e enfraquecem os nossos exercitos, escalam as suas muralhas, e despvoam os seus presidios; os conselhos, que, quando vós quereis castigar, se corrompem, em nós sejam allumiados, e n'elles enfatuados e confusos. Mude a victoria as injurias, desaffrontem-se as cruces catholicas, triumphem as vossas chagas nas nossas bandeiras, e conheça a perfidia humilhada e desenganada que só a fé romana que professamos, é fé, e só ella a verdadeira e vossa.

(*Continua*).

M. PINHEIRO CHAGAS.

## JARDINS, FLORES E FLORESTAS

E' um pasmar-se a gente do sabor bucolico dos titulos que florem dezenas de livros publicados por auctores lusitanos! Bem se deixa intender quanto são inspirativos os nossos campos tapeçados de boninas e comatos de bosques. E se a natureza não luxuriasse tantas verduras, que restaria ao maior numero dos antigos poetas obrigados a não o serem, pelo seu officio de frades?!

Costumavam desforrar-se os atabafados espiritos no innocente desafoço de baptisarem os seus livros com uns titulos que recendessem aromas dos hortos para onde as almas lhes avoavam a espraiair saudades.

N'uma livraria modesta encontramos em prova d'isto a mais bella collecção de lindos titulos; todavia como elles enganam! A gente, folheando os livros, não lhes encontra poesia se não nos frontespicios; mas força é dizer que, em muitos, sobra a erudicção e o ouro da lingua, onde falta o deleite promettido no rotulo. Aqui verá o leitor os titulos de que hade fugir, se o seu intento, quando lê, é gastar tempo sem dar que fazer ao coração.

*Jardim Simbolico*, por Manoel de Campos Moreira.

*Jardim do ceo*, por Soror Maria Benta

*Jardim da sagrada Escriptura*, fr. Christovão de Lisboa.

*Jardim espirital*, por fr. Pedro de S.<sup>o</sup> Antonio

*Jardim sagrado*, por um Eremita

*Jardim de Portugal*, por fr. Luiz dos Anjos

*Jardim anagrammatico* por fr. Affonso de Aleala

*Jardim carmelitano*, por fr. Estevam de S. Angelo.

*Jardim da alma*, por Caetano Ferreira da Costa

*Delicioso Jardim*, por Thomaz José d'Aquino

*Flores celestes*, por José Cortez Solposto

*Ramalhete de bernardices* (este é bom)

*Ramalhete espirital*, por fr. Antonio das Chagas

*Ramalhete das damas*, por Raphael Coelho (este é o melhor, por ser o mais inutil.)

*Ramalhete* (periodico) (orça pelo antecedente)

*Vergel de plantas e flores*, por fr. Jacintho de Deus

*Ramalhete poetico*, por José Antonio de Valle.

*Ramalhete de myrra*, por Leonardo Brandão

*Rosas do Japão*, por fr. Agostinho de Santa Maria

*Florilegios dos modos de fallar*, por Bento Pereira

*Nova floresta*, por Manoel Bernardes

*Floresta novissima*, pelo padre Manoel Consciencia

Alem d'isto ainda temos muitas *sylvas*, muitos *jardins*, muitos *florilegios*.

Quem poder cheirar os aromas de tanta coisa odorifera fica perfumado, se o po do papel roido e pôdre lhe não tiver antes ralado os pulmões.

C. CASTELLO-BRANCO.

## DEDICATORIA DE UM LIVRO

O sr. Valerio Martins de Oliveira, mestre pedreiro, residente em Lisboa, ha cento e tantos annos, escreveu e publicou um livro de sua arte, intitulado *Advertencias aos modernos que apprendem o officio de pedreiro e carpinteiro*, (1757, 4.<sup>o</sup> Lisboa, officina Sylviana).

O livro é dedicado a S. José, patrono dos carpinteiros; e a dedicatória resa assim:

Senhor S. Joseph

Este livro é

Do principio ao fim

Todo vosso, assim

Como certifica

Quem vol-o dedica:

Este é no emisferio

O que não contradiz

Cousa alguma, que queiras

O vosso *Valerio*,

O vosso *Martins*,

O vosso *Oliveira*,

Está engenhosa. O resto corresponde.

## EXPEDIENTE

*As grandes despezas que esta publicação tem, não nos permitem por mais tempo, estarmos desembolsados da importancia da assignatura, e por isso prevenimos a todos os srs. assignantes das provincias, que se acham em débito á Gazeta que não enviaremos mais o jornal em quanto não satisfizerem a importancia do 1.<sup>o</sup> trimestre.*